

## **Memória e História: Lembranças da Avenida Parque um Patrimônio Cultural Imaterial (1961-1985)**

*Kamilyly Fernandes Biase Miquiles<sup>1</sup>*

*Orientadora: Hiana Rodrigues da Silva Magalhães<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho de pesquisa sobre a Memória e História: Lembranças da Avenida Parque um Patrimônio Cultural Imaterial (1961-1985), tem como principal objetivo trabalhar uma história oral a partir da memória de antigos moradores. O Interesse por tal objeto de estudo surgiu a partir da introdução das disciplinas de História Local e História Patrimonial. A compreensão destes conceitos é essencial para colaborarmos para um estudo sobre a História Local da cidade de Itacoatiara, onde narrativas orais são as principais fontes. A Memória e a história da Avenida Parque representam histórias de vida e experiências de trajetórias que perpassam o tempo a partir de uma história narrada onde antigos moradores relatam a circulação cultural e social de um lugar de memória onde as lembranças florescem e ganham interpretações na história.

**Palavras-chave:** Memória. História. Lembranças. História Oral.

### **1. Introdução**

A pesquisa sobre a Memória e História: Lembranças da Avenida Parque um patrimônio cultural Imaterial (1961-1985), tem como ênfase a compreensão e significância do símbolo da Avenida Parque para alguns dos antigos moradores do entorno, embasados nos conceitos de memória, História, Patrimônio Imaterial e História local. Segundo Bosi, nos explica que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto”. Bosi, (2003, p. 16). Pode-se analisar a presença da memória em diversos locais do cotidiano, assim como no patrimônio cultural imaterial que representa a Avenida Parque em Itacoatiara, como

---

<sup>1</sup> **Kamilyly Fernandes Biase Miquiles**, Graduanda pelo curso de Licenciatura em História Mediado por Tecnologia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail:kfbm.hst19@uea.edu.br

<sup>2</sup> **Hiana Rodrigues da Silva Magalhães**. Orientadora: Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Ma. em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – AM - UFAM e-mail: hrmagalhaes@uea.edu.br.

um lugar de memória e com as suas muitas representações vivas no imaginário dos moradores locais.

Através da memória e da história oral, isto nos permite a ação de interpretar o passado, como aborda Meihy, (2005, p.24) “A necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social e nesse sentido está ligada à consciência da cidadania”; ou seja, nos permitindo compreender como a memória está relacionada com as narrativas de diferentes gerações que se cruzam com a memória dos patrimônios e suas heranças históricas.

O Interesse por tal objeto de estudo surgiu a partir da introdução das disciplinas de História local e História Patrimonial. Por meio dos estudos houve a instigação em conhecer o histórico de alguns patrimônios que fazem parte da história do município de Itacoatiara, e como sua construção e sua existência impactam na vida de quem pertence ao lugar. Segundo Choay, (2014, p.25) “O monumento tem por finalidade fazer reviver no presente, um passado engolido pelo tempo”. Contar uma história da Avenida Parque a partir da lembrança de alguns de seus moradores que narram suas trajetórias de vida, são lembranças que podemos conceber como um patrimônio cultural imaterial, pois a memória dos lugares são as impressões de um tempo em que estes moradores vivem suas histórias de vida em tempos distintos.

Perceber nestas narrativas orais o perpassar da vida, os caminhos de sociabilidades, as festas e os principais eventos que ora são narradas por estes colaboradores que se propõem a relatar a saudade de memórias afetivas e com isso denotam a metamorfose da urbanização da cidade, que tempo a tempo modificam estas memórias, trazem lembranças e acionam memórias afetivas da vida familiar dos festejos em família, e as mudanças emblemáticas nas vidas de cada morador, como as experiências: casamento, festas, aniversário.

Os colaboradores nesta pesquisa são três antigos moradores, a primeira Dona Silvette Fernandes, 84 anos; Silvana Biase, 63 anos; e o Senhor Thyrso Munhoz, 69 anos. Meihy (2005, p.53) nos explica que “a história oral é um trabalho de colaboração”. O autor também define o “colaborador” como a pessoa que aceitou ser entrevistada, e por isso ocupará papel preponderante na pesquisa, sem a qual ela não seria viabilizada.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA- CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Nesse sentido, este trabalho possibilita transformar por meio da narrativas orais uma narrativa a partir do conceito de patrimônio cultural imaterial. De acordo com o IPHAN<sup>3</sup>, o Patrimônio Imaterial são:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).<sup>4</sup>

A partir destes conceitos, contribuindo de forma significativa para uma memória social e cultural de Itacoatiara, sendo um município que se desenvolveu no decorrer dos anos como polo de crescimento e desenvolvimento moderno por sua localização e em um modelo de cidades que se desenvolveram na Região Amazônica.

A pesquisa está inserida no campo da História Local, História Oral e Memória, assim destacando o papel da história e memória, que possuem em comum a sua representação de ligação ao passado, que se faz de maneira distinta. Esta memória possui relação direta e afetiva com o passado, visto que é uma memória individual, lembranças de moradores e de acontecimentos vividos, mas, ao mesmo tempo, constitui-se em memória coletiva.

A pesquisa também apresenta algumas fontes iconográficas a partir do acesso aos álbuns de famílias, sendo uma ferramenta valiosa na construção e preservação da memória, como afirma Alberti, (2005, p.164) “as fotografias, caricaturas, desenhos, anúncios, filmes, monumentos, objetos de artesanato, obras de arte e de arquitetura são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo da história”. Portanto, este estudo busca através da metodologia da história oral ampliar e analisar o conhecimento sobre as experiências e as práticas desenvolvidas ao longo da história, assim difundindo o conhecimento a respeito da história local e do patrimônio cultural imaterial, considerando a memória desses antigos moradores, sob o olhar e as narrativas de diferentes gerações, como nos explica Ecléa Bosi, (2003, p.70) “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”.

---

<sup>3</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>4</sup> Site do IPHAN, disponível em: [Página Inicial — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 04 nov. 2024.

**Figura 1** – Avenida Parque atualmente, 2024



**Fonte:** Acervo Pessoal da autora, 2024.

## **2. Contexto Histórico da Avenida Parque**

A Avenida Parque é um dos principais cartões postais de Itacoatiara. Também conhecida como “Túnel Verde”, foi projetada e iniciada em 1928 pelo ex-prefeito Isaac Peres (1876-1945). Segundo o Historiador Francisco Gomes<sup>5</sup>, o prefeito visionário deixou uma marca indelével em Itacoatiara. Foi o primeiro administrador a receber a designação de prefeito após a extinção do cargo de superintendente municipal pela Constituição Estadual de 1926. Inspirado pela grandiosidade da Avenida Champs-Élysées em Paris, também foi responsável pela urbanização da principal via pública da cidade. Assim, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de Itacoatiara.

A cidade de Itacoatiara, por ter uma localização estratégica, foi uma das cidades do Amazonas que se desenvolveu a partir da exploração gomífera, localizando-se na rede do Rio Amazonas, depois de Manaus e seguindo a Belém, tornando-se um ponto estratégico para as navegações. Por possuir tais características, levaram Luís Francisco Munaro a considerar Itacoatiara como “a maior cidade da periferia do Estado do Amazonas no início do século XX”<sup>6</sup>.

Nesse contexto, a cidade vivia uma era de desenvolvimento social e de seus espaços urbanos de forma antes não vistas, graças à exportação da borracha. Desta forma, as elites

---

<sup>5</sup> (Silva, 2021, p. 43).

<sup>6</sup> (Murano, 2015, p.3, apud Carneiro, 2023, p. 49).

governantes dentro desse período de remodelação redefiniram as configurações urbanistas da cidade inspirados nos moldes europeus, como bem esclarece Paulo Moreira dos Santos Junior “signos esses filtrados pelas elites e idealizadores para a reestruturação da cidade, sob referenciais, em boa medida, europeus” (Santos Junior, 2013, p.1).

Sua construção foi continuada por vários outros prefeitos que o sucederam, destacando-se o ex-prefeito Francisco Pereira da Silva, popularmente conhecido como “Chico do Incra”, que com recursos da Prefeitura Municipal arborizou cinco passarelas dos canteiros centrais da avenida. Inicialmente, ela recebeu o nome de Avenida Ruy Barbosa; e, posteriormente, foi renomeada com o nome Torquato Tapajós. A Avenida Parque como hoje é denominada possui 346 pés de oitizeiros<sup>7</sup> entrelaçados, distribuídos em fila dupla em 1.742m de extensão, formando um encantador túnel verde.

A Avenida é um importante espaço de sociabilidade na cidade, e a principal atração desse espaço é o seu túnel verde, que divide ao meio a cidade, de sul a norte, a partir do Rio Amazonas. E após atravessar o centro urbano e parte do bairro de Pedreiras e do Conjunto SHAM, vai desembocar na Rodovia AM-010<sup>8</sup> propiciando a fácil e direta ligação com a Vila de Lindóia, e a sede do município de Rio Preto da Eva e a capital do Estado.<sup>9</sup>

O canteiro central da Avenida Parque foi reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Material, tanto pelo Governo do Estado do Amazonas quanto pelo Município de Itacoatiara, conforme a Lei estadual nº 4.608, de 13 de junho de 2018; e da Lei municipal nº 463, de 6 de julho de 2021, como consta no livro do Tombo do Patrimônio Histórico, Material, Arquitetônico e Natural de Itacoatiara.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Oiti (*Licania tomentosa*) é uma árvore frutífera de grande porte, nativa da Mata Atlântica brasileira.

<sup>8</sup> A Rodovia AM-010 liga a capital amazonense Manaus aos municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara.

<sup>9</sup> Livro do Tombo do Patrimônio Histórico, Material, Arquitetônico e Natural de Itacoatiara-AM. Org: Prefeitura Municipal de Itacoatiara. Secretaria Municipal de cultura Turismo e eventos – SEMCTUR. 04 de junho de 2018.p.48

<sup>10</sup> Ibidem, p.48

**Figura 2** – Cartão Postal Avenida Parque, 1992



**Fonte:** Acervo Pessoal da Família Fernandes Biase.

### **3. A História Oral e Memória: Vivências da Avenida Parque**

A História Oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes a “experiencia social” de “pessoas e grupos”, que sempre é uma “história do tempo presente”; e além de ser reconhecida como “história viva”. Quando pensamos o trabalho com a história oral a partir da narrativa de antigos moradores da Avenida Parque, busca-se trabalhar memórias destes antigos moradores, e a partir destas perceber a preservação do patrimônio imaterial riquíssimo que denotam estas lembranças de seus antigos habitantes locais.

Assim, ressalta-se que uma das fontes principais utilizadas nesta pesquisa são frutos de entrevistas realizadas com três antigos moradores dos arredores da Avenida Parque, acessando suas lembranças e memórias a partir delas. A partir da oralidade e do contato nas entrevistas, os moradores revelam uma série de vivências sob uma perspectiva ligada ao tempo presente.

As narrativas possibilitaram entender a importância do patrimônio na trajetória de vida de cada indivíduo, e o trabalho narrativo realizado por meio da memória cristaliza representações a respeito das experiências vividas no passado, que revelam assim lugares de memória, como atesta Bosi, (1994, p.54) “a memória do indivíduo depende do seu

relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências”.

A memória estabelece relações pessoais do indivíduo com a comunidade e a história do patrimônio, permeando recordações da vida cotidiana, de momentos familiares como infância e juventude, festejos da comunidade, incluindo assim a memória de grupos sociais diversos que reproduzem a constituição de um local de memória a partir da Avenida Parque como um Patrimônio Cultural Imaterial, como atesta no Dicionário de Conceitos Históricos (Silva e Silva, 2009):

É interessante observarmos que o conceito de patrimônio cultural não se restringe à produção material humana, mas abrange também a produção emocional e intelectual. Ou seja, tudo o que permite ao homem conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia pode ser chamado de bem cultural. (Silva e Silva, 2009, p.325).

Nessa perspectiva teórica adotada, a memória é trabalhada como um instrumento que possibilita a interpretação ao passado sendo acessada a partir da metodologia da História Oral. Verena Alberti reconhece que “A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (Alberti, 2005, p.164).

#### **4. Narrativas Oraís: O tempo vivo da memória**

A construção deste trabalho nos levou a pensar sobre a memória construída em distintos momentos por nossos colaboradores. Tentando esclarecer tal ideia, buscamos o auxílio da autora Ecléa Bosi, que escreve sobre o tempo vivo da memória, na obra O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social. Neste sentido “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos construir a crônica do cotidiano” (Bosi, 2003, p.15).

Cabe aqui apresentarmos nossos colaboradores nesta pesquisa a partir das narrativas oraís de duas mulheres e um homem, o eixo central de investigação para desenvolver este estudo foram as entrevistas com três dos antigos moradores do entorno da Avenida Parque.

A colaboradora Silvana Fernandes Biase, 63 anos, nascida em Itacoatiara, nos concedeu entrevista dia 09 de julho de 2024, em sua residência no bairro Pedreiras, localizada bem na frente das alamedas da Avenida Parque onde vive desde o nascimento. Como relata na entrevista.

Moro na Avenida Parque desde quando eu nasci. [...] a minha vida nela, foi boa né, quando criança era mais calmo, a gente podia brincar tranquila na rua, não tinha tanto movimento de carro como tem, hoje, e a avenida não chegava até próximo a minha casa, só foi de uns anos pra cá que foi construída, então houve muitas mudanças ... próximo à minha casa, ela era dividida... tinha um Arco do Triunfo que a minha casa já ficava digamos assim na Torquato na estrada digamos assim né, na AM010, hoje não, hoje ele lá já faz parte do, da Avenida Parque.<sup>11</sup>

**Figura 3** – Foto da Família em frente à rua Torquato Tapajós, anterior a construção da Avenida, 1985.



**Fonte:** Acervo Pessoal da Família Fernandes Biase.

As palavras de Silvana Biase reconstróem lembranças essenciais de um período de sua vida, recordações do quadro social de sua infância e juventude onde podia brincar nas ruas com tranquilidade, fazendo também um paralelo com as transformações urbanísticas da cidade, como a continuidade da construção da Avenida Parque e a retirada do Arco do Triunfo. Segundo Bosi, (2003, p.70) “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”. Para Silvana, o Arco do Triunfo era ponto estratégico, hoje não existe mais, denota a divisão entre a cidade e a estrada; e o que antes parecia distante hoje caracteriza uma parte da cidade. As modificações e transformações do tempo dessa memória. Assim também como a lembrança da infância e juventude dos acontecimentos culturais que aconteciam na cidade, como os festejos do Festival de música.

[...] as alegrias de morar desde o início... ter minha vida desde o início morando aqui na Torquato e vendo desenvolvimento dela... sim, [...] eu

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Silvana Biase em 09 de julho de 2024.

guardo muita lembrança, recordações de que eu sinto saudade, é quando a gente ia para escola caminhando pela Avenida né, que não tinha transporte assim para gente ir, a gente ia caminhando e eu lembro muito, da época que o FECANI era lá na praça e essa avenida ficava tão movimentada, era com muitas barracas, que eles faziam né embaixo das árvores porque não tinha também tantos hotéis para acomodar, isso daí também eu lembro com muita saudade assim.<sup>12</sup>

**Figura 4** – Foto da Infância, em frente a residência da família, 1970.



**Fonte:** Acervo Pessoal da Família Fernandes Biase.

A memória de momentos felizes ligados à infância retoma experiências enriquecedoras para a colaboradora, ligadas as memórias de vida, que estão relacionadas ao convívio familiar, relatando lembranças da infância e juventude vividos com seus irmãos, Bosi (2003, p.54) esclarece, “a passagem pela sociologia da memória é esclarecedora na hora de entender o porquê de algumas recordações fixarem melhor suas experiências de infância do que da vida adulta”. Nesta fala, Silvana também pontuou com saudosismo lembranças do Fecani <sup>13</sup>nas suas primeiras edições no período de sua juventude, onde a avenida nos dias do festival se transformava em acampamento para acomodar os visitantes, retomando um pouco da história do festival e da própria cidade.

Thyrso Munhoz de Araujo, de 69 anos, artista plástico e documentarista, nascido em Manaus e morador de Itacoatiara há 35 anos, nos concedeu a entrevista no dia 19 de agosto de 2024, no seu local de trabalho. O colaborador nos conta que a primeira vez que veio à cidade foi na adolescência, onde teve seu primeiro contato com a Avenida. Anos mais tarde ele retorna à cidade, onde construiu sua carreira profissional e sua família, morando por 17 anos nos arredores da Avenida Parque.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Silvana Biase em 09 de julho de 2024.

<sup>13</sup> Fecani-Festival da Canção de Itacoatiara, realizado desde 1985 até os dias atuais.

A primeira vez que vim aqui em Itacoatiara foi com 16 anos, um adolescente ainda, Foi a primeira vez que eu vim aqui, vim querendo conhecer mesmo Eu tinha um negócio assim com Itacoatiara, e eu gostava muito de viajar para o interior de barco assim, ai eu me juntei com mais dois colegas ai viemos para cá [...] , ai fiquei até aqui no “Coleginho”, que na época era de freiras porque minha irmã estudava no Dorotéia, eu conversei com umas freiras para elas colocarem a gente lá, porque não tinha hotel não tinha nada; Ai, elas colocaram a gente dentro de um teatro que tinha ali na esquina, tinha um palco de madeira, Antigamente, inclusive, o teatro aqui era movimentado pela igreja, depois não se ouviu mais falar teatro, mas naquela época tinha e o Arco também naquela época tinha um na avenida, naquela época quando eu vim pra cá até 77 ainda tinha o arco e nessa época então as ruas eram menos asfaltadas a maioria das ruas.<sup>14</sup>

Em outro trecho da entrevista, o colaborador relata que muitas de suas memórias da avenida estão ligadas à sua carreira como artista plástico e documentarista. Em um de seus trabalhos ele produziu um minidocumentário sobre a Avenida Parque, em que ressalta a importância ambiental deste patrimônio para a cidade, Thyrso diz:

A avenida, o exemplo que a gente pode ter também é a importância ambiental que são esse otizeiros, que para a cidade, ela terminou que virou um símbolo, que nessas ruas onde você vai não tem uma que não tenha um pé de bejaminzeiro [...] Isso aí foi exemplo que o Isaac Peres deu né, que Chibli fez pra cá para a colônia que eu falo no meu documentário [...] otizeiro apesar de não ser daqui, mas ele já deixou por outro lado essa visão de que a cidade tem que ser arborizada, que deve haver paisagismo nas ruas né essas coisas todas, Fora o lazer que traz, né? as pessoas que vão lá para andar para se ver, para se distraírem para fazer exercícios e outras os pássaros que tem lá sua moradia também, a biodiversidade que você vê lá e encontra, as orquídeas, uma variedade de musgos e outras coisas que você encontra lá, Quem percebe que é da área de biologia para o estudo a avenida é um prato cheio.<sup>15</sup>

Em suas lembranças, Thyrso recorda momentos importantes em sua carreira vividos na Avenida Parque. Em sua fala é possível reconhecer sua estima pelo patrimônio, tanto por compreender sua importância social e cultural para o município, como por ter vivenciado diversas experiências enriquecedoras nele. Desta forma, compreendemos que o vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade, percebendo por meio dessas memórias sua satisfação em nos contar momentos marcaram sua carreira artística.

A memória da avenida foi que fiz meu ateliê lá, né? Construí porque tinha uma casa antiga lá, abandonada no fundo do quintal[...] então eu peguei e montei lá um ateliê. Aí eu fazia exposições de arte e isso foi legal na época pra mim. Então essa é a lembrança que eu tenho, né? fora o desenho que eu

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Thyrso Munhoz de Araujo, em 19 de agosto de 2024.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Thyrso Munhoz de Araujo, em 19 de agosto de 2024.

fiz da casa e das arvores que tinham mais de 25 pés de fruteiras diferentes [...] nela o que eu presenciei muito foi feira de cultura, feira de ciências que as escolas faziam muito que era muito interessante de baixo das arvores, eu mesmo fiz uma exposição de arte, tipo uma galeria, né? [...] <sup>16</sup>

Bosi, (2003, p.96) afirma em sua obra “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. A partir desta exposição do colaborador, reunindo lembranças e momentos edificantes de sua vida, observamos a trajetória deste trabalho de memória de experiências desde a juventude, quando visitou a cidade pela primeira vez, até o momento que se assentou como morador nos arredores da avenida testemunhou e participou de diversas manifestações artísticas e culturais.

Silvete Fernandes, 84 anos, aposentada, é uma das moradoras mais antigas das proximidades da Avenida Parque com mais de 70 anos residindo neste local, nos concedeu a entrevista dia 16 de junho de 2024. Esta colaboradora pode ser considerada o marco inicial da pesquisa, por ser o primeiro contato como fonte primordial. Além das memórias acessadas pelas fontes orais, ela também disponibilizou o acervo fotográfico da família, sendo trabalhada como fonte icnográfica.

A colaboradora recorda momentos anteriores da construção da avenida onde na localidade ainda não existia pavimentação, como relata neste trecho:

Agora a avenida está bonita né...Quando eu vim morar aqui não tinha nada, só era mato não tinha nada. Agora não, a avenida está bonita. Tinha calçamento de uma parte lá para a praça para cá para onde moro era mato. Só tinha caminhos onde a gente andava. E hoje eu já vejo que tem muito desenvolvimento porque tem lojas, supermercado, farmácia, bancos [...] <sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Thyrso Munhoz de Araujo, em 19 de agosto de 2024.

<sup>17</sup>Entrevista concedida por Silvete Fernandes, em 16 de junho de 2024.

**Figura 5** – Foto da Residência da Família, 1962.



**Fonte:** Acervo Pessoal da Família Fernandes Biase.

A fala de Silvete atesta uma memória anterior à construção da Avenida, em um período inicial da formação do lugar, onde só existiam poucas moradias e as ruas ainda não eram pavimentadas, em contraste com o centro comercial que se instaurou, como se percebe hoje, ao redor da Avenida Parque. Essa experiência lhe proporcionou um olhar sobre a evolução da localidade, transcendendo a simples visão de uma transformação na estrutura do lugar.

Ela pode se tornar um ponto de referência emocional e identitário, uma ligação com o passado que permite que a colaboradora ressignifique o presente e se projete no futuro, assim preservando a sua própria narrativa.

Observamos como ela opera o trabalho de memória nesta fala, onde explicitou que mantém tradições do passado com a família e transmite para as novas gerações:

[...] mantenho o costume de sentar na frente de casa com meus filhos, meus amigos, a gente fica aqui. Para nós é uma alegria [...] eu gosto de lembrar porque aqui na Avenida parque antigamente não existia calçamento, hoje ela está calçada né...Tem esse ponto turístico onde as pessoas podem caminhar né...caminhar a noite e os meus filhos e netos podem ir para a aula a pé, que antigamente era muito perigoso hoje não está tudo alumiado, né? E eu posso me sentar na calçada com meu marido e apreciar o movimento, as pessoas e os amigos que passam por aqui.<sup>18</sup>

A memória, nesse contexto, é tanto uma ponte para um passado como um ato de criação de novas lembranças. Desta forma, Dona Silvete constrói uma versão da sua própria história, cheia de nuances e significados, que podem variar de acordo com o tempo e as

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Silvete Fernandes, em 16 de junho de 2024.

experiências e lembranças que ela carrega. Como atesta Bosi, (2003, p.15) “A memória dos velhos pode ser trabalhada como mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”. Assim observamos que a memória da avenida pode ser um veículo para relembrar episódios específicos da memória de vida, como: encontros, acontecimentos históricos, ou até mesmo sentimento de pertencimento a uma determinada época e lugar.

### **5. Considerações Finais.**

Nesta pesquisa buscamos trabalhar um pouco da história oral e da memória de antigos moradores da Avenida Parque, lugar de grande importância social e cultural para estes colaboradores na história de suas vidas. Perceber que as narrativas de história oral se refletem em testemunhos da oralidade; em que percebemos as mudanças, o tempo vivo da memória em que se constituem as lembranças da cidade do lugar, juventude, da infância, dos momentos significativos para estes colaboradores. Como afirma Bosi, “A memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado” (Bosi, 2003, p. 20).

Trajetórias que se inter cruzam ao lugar enquanto memória e como um patrimônio cultural imaterial da Avenida Parque. Ao compartilharem suas lembranças, esses antigos moradores acessam o passado e ajudam a construir uma narrativa que dá sentido a esses espaços, promovendo assim um sentimento de continuidade e pertencimento.

Cabe salientar que a História da Avenida Parque surgiu após a introdução da disciplina de História Local, no curso de história, e percebemos que a partir da história narrada por estes antigos moradores, estas se conectam à minha história e fazem lembrar da minha infância, das festas em família e da criança que fui e que cresceu neste lugar. Como destaca Medeiros “O fato de o historiador local pertencer a localidade estudada impõe a necessidade de conhecer suas relações sociais” (Medeiros, 2013, p.36). Desta forma, o aprendizado com meus avós, a convivência com eles, e ao ouvir as narrativas das histórias, me fazem perceber os caminhos pelos quais seguir na minha trajetória de vida. Podendo, a partir de então, refletir sobre o meu papel de historiadora e da possibilidade em colaborar com a pesquisa sobre História e Memória.

A recordação compartilhada nesses relatos, além de manter vivos acontecimentos de outras épocas, também enriquece o valor do patrimônio, contribuindo para a história local do município. Essas lembranças revelam momentos e experiências significativas na vida dos

colaboradores. As memórias de vida, momentos festivos e mudanças e transformações pelas quais o patrimônio da avenida passou, proporcionam um ponto de vista único e pessoal, advindos somente do exercício da memória.

Desta forma, o trabalho de preservar a lembrança dos antigos moradores não é tratada apenas como uma questão de registrar o passado, mas sim de promover um diálogo entre o passado e o presente, buscando incentivar em gerações futuras o compromisso de cuidar e valorizar o patrimônio imaterial da Avenida Parque. Quando memórias suscitam histórias, inspiram vivências e experiências, e isso nos faz pensar que escrever a história do tempo presente possibilita entrelaçar-se no tempo vivido do sujeito social histórico, por meio da conjuntura sociocultural econômica e festivas da sociedade. Trabalhar com as memórias e as lembranças da história da Avenida Parque aqui narradas por antigos moradores, são traços da memória histórica do lugar, e se apresentam de formas emblemáticas no tempo vivo da memória.

#### **6. Fontes Orais:**

ARAUJO, Thyrso Munhoz de. 69 anos, Artista plástico. Entrevista Realizada no dia 19 de agosto de 2024.

BIASE, Silvana Fernandes. 63 anos, Aposentada. Entrevista realizada no dia 09 de julho de 2024.

FERNANDES, Silvete. 84 anos, Aposentada. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2024.

#### **7. Acervo Iconográfico:**

Álbum de fotografias – Família Fernandes Biase.

#### **8. Referências**

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: história dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, Gabriel Cruz. **Entre espelhos e miragens: o jornal Paládio e o projeto de modernidade na cidade de Itacoatiara-AM (1908–1911)**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7603>. Acesso em: 04 nov. 2024.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: 70, 2014. (Arte e Comunicação).

IPHAN, disponível em: [Página Inicial — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) Acesso em: 04 nov. 2024.

ITACOATIARA (AM). **Livro do Tombo do Patrimônio Histórico, Material, Arquitetônico e Natural de Itacoatiara-AM**. Itacoatiara: Prefeitura Municipal de Itacoatiara, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos – SEMCTUR, 2018.

MEDEIROS, Ruy Herman Araújo. **História local e memória: limites da validade**. Campinas: Librum Editora, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. **Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais**. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <Microsoft Word - 1364530560\_ARQUIVO\_manausdaBelleEpoque\_tensoesentreculturas\_ideaiseespacosociais.doc>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SILVA, Francisco Gomes da. **Presidentes e presidentiáveis da República em Itacoatiara**. Manaus: Ed. do Autor, 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em: / / 2024.

Aprovado em: / / 2024.

## Transcrições das entrevistas organizadas

Colaboradora – Silvete Fernandes

Idade: 83 anos

Data da entrevista: 16/06/2024

Local da entrevista: Avenida Parque, nº1075-Centro-Itacoatiara-AM, Residência da entrevistada.

Pesquisadora: Kamilly Fernandes Biase Miquiles.

Primeira transcrição realizada entre os dias: 09 de julho de 2024 ao dia 22/08/2024



**Fonte: acervo pessoal.**

**Pesquisadora:** Essas são as transcrições da entrevista com antigos moradores dos arredores da avenida parque, pesquisa realizada no dia 16 de junho de 2024, Domingo as 15 horas. Cujas pesquisadora fez as perguntas que estão enumerada ao longo das transcrições abaixo.

**Entrevistadora:** Iniciando a entrevista com a primeira colaboradora, qual é o seu nome completo?

**Colaboradora:** Silvete Fernandes.

**Entrevistadora:** Em que ano você nasceu?

**Colaboradora:** Em mil novecentos e quarenta (1940).

**Entrevistadora:** Com quantos anos a senhora veio morar na Avenida Parque?

**Colaboradora:** Com treze anos.

**Entrevistadora:** Como é perceber a sua história de vida e acompanhar as transformações da Avenida Parque?

**Colaboradora:** Agora a avenida está bonita né... Quando eu vim morar aqui não tinha nada, só era mato não tinha nada agora não a avenida está bonita, tinha calçamento de uma parte lá para a praça para cá para onde moro era mato. Só tinha caminhos onde a gente andava. E hoje eu já vejo que tem muito desenvolvimento, porque tem lojas, supermercado, farmácia, bancos e a gente se senta aqui na frente da minha casa com meu marido pra gente apreciar os amigos que passam as pessoas né? Que passam aqui cumprimentando a gente e a vida agora é diferente né que antigamente não era assim.

**Entrevistadora:** Próxima pergunta, foram muitos momentos alegres e tristes de vivenciado morando na Avenida Parque. A senhora lembra de algum que considero importante na sua vida? E quer nos contar?

**Colaboradora:** Me lembro! Me lembro de um acidente que teve aqui que um carro entrou dentro de uma casa matou uma moça aqui na avenida...

**Entrevistadora:** Isso a senhora considera um momento triste?!

**Colaboradora:** Considero um momento triste, e muitos acidentes né... Que aconteceram e que acontecem aqui na avenida.

**Entrevistadora:** E momentos alegres, quais que a senhora pode nos contar?

**Colaboradora:** Momentos alegres, quando tinha os desfiles do carnaval que passava aqui na frente, dia de domingo, as pessoas brincavam na rua e passavam aqui na avenida.

**Entrevistadora:** Ah legal, muito obrigada... E a senhora se casou com quantos anos?

**Colaboradora:** Com dezesseis anos (16 anos).

**Entrevistadora:** E para senhora, qual a importância social e cultural da Avenida Parque, para quem viveu aqui. O que a senhora lembra, gosta de lembrar?

**Colaboradora:** Eu gosto de lembrar porque aqui na avenida Parque antigamente não existia calçamento, hoje ela tá calçada né...Tem esse ponto turístico onde as pessoas podem caminhar né...caminhar a noite, e os meus filhos e netos podem ir para a aula a pé, que antigamente era muito perigoso hoje não está tudo alumiado né...E eu posso me sentar na calçada com meu marido e apreciar o movimento as pessoas e os amigos que passam por aqui.

**Entrevistadora:** E então falando nisso, a senhora mantém algum costume que sempre realiza com seus familiares e tem a satisfação de passar para as novas gerações, como por exemplo justamente sentar na frente de casa no fim de tarde?

**Colaboradora:** Sim mantenho, mantenho o costume de sentar na frente de casa com meus filhos, meus amigos, a gente fica aqui para nós é uma alegria, porque hoje está tudo diferente, antigamente não era assim, era só mato hoje não, hoje está muito melhor.

**Entrevistadora:** Tá certo, obrigada pela entrevista.

### **Segunda entrevista - Colaboradora: Silvana Fernandes Biase**

Idade: 63 anos.

Data: 09/07/2024 as 15:30

Local da Entrevista: Avenida Parque, nº1075-Centro-Itacoatiara-AM, Residência da entrevistada.

Entrevistadora: Kamilly Fernandes Biase Miquiles.



**Fonte: acervo pessoal.**

**Entrevistadora:** Iniciando a entrevista com a segunda colaboradora, moradora da Avenida Parque, dia nove de julho de 2024, qual é o seu nome?

**Colaboradora:** Silvana Fernandes Biase

**Entrevistadora:** Em que ano você nasceu?

**Colaboradora:** Nasci em mil novecentos e sessenta (1960).

**Entrevistadora:** Com quantos anos a senhora veio morar na Avenida Parque?

**Colaboradora:** Moro na Avenida Park desde quando eu nasci.

**Entrevistadora:** Como é perceber a sua história de vida e acompanhar as transformações da Avenida Parque?

**Colaboradora:** É do início... Assim, desde o início para agora houve muitas transformações, né? Total bem dizer. Porque antes, ela não tinha toda essa Alameda, né? Com esse corredor de árvores, não tinha como tem hoje em dia né... muitos comércios, bancos, uma área comercial né. Digamos assim, que a avenida se transformou em uma área comercial. Que antes não tinha nada disso. Era bem precária né digamos assim. A minha vida nela, foi boa né...quando criança né era mais calmo, a gente podia brincar tranquila na rua né não tinha tanto movimento de carro como tem hoje, é avenida não chegava até próximo a minha casa, só foi de uns anos para cá que foi construída, então houve muitas mudanças né. Próximo à minha casa, era ela era dividida tinha um Arco do Triunfo que a minha casa já ficava digamos assim na Torquato na estrada digamos assim né na AM010, hoje não hoje ele lá já faz parte do da Avenida Parque.

**Entrevistadora:** Foram muitos momentos alegres e tristes de vivenciado morando na Avenida Parque. A senhora lembra de algum que considero importante na sua vida? Pode nos contar?

**Colaboradora:** De triste. Para mim, triste o que eu sinto assim é assim porque tiraram né essa referência que tinha nela né que era o Arco do Triunfo que eu achava muito bonito. E tinha um abrigo onde o pessoal do que morava, os moradores da estrada, das vicinais. Pegavam o ônibus ali. Então eu guardo isso muito na minha lembrança né. Que era, era ali que era o ponto né...Que eles, eles pegavam o ônibus para ir pra, pra vicinais né...De onde eles, eles moravam. E, de alegria. Também assim hoje em dia também a gente não pode mais sentar na frente de casa né... Que é muito perigoso. Antes era diferente. E alegrias que eu tive por morar nela. São as alegrias morar desde o início, né... Ter minha vida desde o início morando aqui na Torquato e vendo desenvolvimento dela, né...Sim, a da parte assim também que eu que eu guardo muita lembrança, recordações de que eu sinto saudade, é quando a gente ia para escola caminhando pela Avenida né...Que não tinha transporte assim para gente ir, a gente ia caminhando e também eu lembro muito assim. Da época que o FECANI era lá na praça e essa avenida ficava tão movimentada, era com muitas barracas, que eles faziam né embaixo das árvores porque não tinha também tantos hotéis para acomodar, isso daí também eu lembro com muita saudade assim.

**Entrevistadora:** Ah que legal a próxima pergunta é: Quando a senhora se casou, a senhora tinha quantos anos?

**Colaboradora:** Vinte.

**Entrevistadora:** Continuando a entrevista, a próxima pergunta, pra senhora qual a importância social e cultural da Avenida parque, pra quem viveu aqui. Oque a senhora lembra, gosta de lembrar?

**Colaboradora:** Sim. É como eu já falei anteriormente, repetindo que ela é um ponto em primeiro lugar, digamos, ela é um ponto turístico para nossa cidade, logo na entrada né... esse

túnel, isso é uma marca para nossa cidade E para mim é ver o desenvolvimento, da minha família né, que se criou aqui. Nasceu e se criou aqui, nós, eu, meus, meus irmãos, e depois meus filhos também né, cresceram, e se desenvolveram aqui, então é muito, muito importante.

**Entrevistadora:** A senhora ainda mantém algum costume que sempre fazia com seus familiares ou sem satisfação de passar para as novas gerações? Como por exemplo sentar na frente de casa no final de tarde?

**Colaboradora:** Sim, a gente ainda continua, que meu pai como ele já é idoso a gente sempre coloca ele às tarde para sentar na calçada a gente ver os amigos passarem, conversar, pelo menos aqui nós ainda temos essa esse hábito né... das pessoas passarem dar “boa tarde” e dar (acenar) com a mão. Meu pai como é idoso ele lembra das pessoas, então isso daí é muito, muito, muito gratificante morar nesse bairro ainda nessa Avenida, que continua a gente tendo esse laço com as pessoas né?... É muito importante.

**Entrevistadora:** Ok, Muito Obrigada.

**Terceira entrevista – Colaborador:** Thyrso Munioz de Araujo.

Idade: 69 anos.

Data: 19/08/2024 as 9:00

Local da Entrevista: A Casa de Cultura- Secretaria de Cultura, Local de trabalho do entrevistado.

Entrevistadora: Kamilly Fernandes Biase Miquiles.



**Fonte:** acervo pessoal.

**Entrevistadora:** Iniciando a entrevista com o terceiro colaborador, Sr. Thyrso Munioz antigo morador da Avenida Parque, qual é o seu nome completo?

**Colaborador:** Thyrso Munioz de Araujo.

**Entrevistadora:** Quantos anos o senhor tem?

**Colaborador:** Só meia nove (69). (Ambos riem)

**Entrevistadora:** O senhor nasceu em Itacoatiara, qual foi o ano?

**Colaborador:** É...eu dividi a minha vida em dois tempos né? o primeiro tempo em Manaus o segundo tempo agora em Itacoatiara, porque são 35 anos agora aqui que eu estou completando, então 35 com 35 eu vou fazer 70, então é metade da minha vida, me considero já deste lugar onde a gente se sente bem.

**Entrevistadora:** É verdade...A partir de que ano o senhor morou na Avenida Parque?

**Colaborador:** Olha nem me lembro, mas já faz uns trinta anos que eu me mudei para lá, mais de 30 anos atrás, e passamos 17 anos morando pra lá.

**Entrevistadora:** O senhor passou a infância lá? O senhor tem lembranças memórias da avenida neste período?

**Colaborador:** Não, do meu período sim e dos outros períodos e em consequência da oralidade da Eliana (esposa) que nasceu praticamente ai na avenida, nasceu aqui nesse prédio histórico da academia, o pai dela veio em 45 de Manicoré pra cá e morou onde era o prédio da academia e depois que ele foi para avenida então ela tem muita lembrança daquela época às pessoas que moravam ali né, até ali na parte da marinha onde era a casa do prefeito Araújo Costa, que você viu naquele documentário né...

**Entrevistadora:** Sim...

**Colaborador:** ela o que eu presenciei muito foi feira de cultura, feira de ciências que as escolas faziam muito que era muito interessante de baixo das arvores, eu mesmo fiz uma exposição de arte, tipo uma galeria né? E aqui a gente vem notando também a transformação, porque as famílias antigamente os terrenos eram grandes, não tinha como agora tem esses terrenos pequenos por conta dessas invasões que chamam ocupações né..., mas antigamente os quintais eram grandes e o que havia né?! Muitos pés de fruteiras e que hoje você que está sumindo né, por exemplo “saputiveira” você ver que está sumindo e certos tipos de plantas tradicionais você não ver mais, até mesmo o que via quando costumava entrar em uma cã e você dava logo de cara de frente com um jardim, hoje você quase não vê jardim nas casas, e olhe lá né porque hoje está sendo tudo mais petrificado né, passado cimento, e outra as famílias vão crescendo também e vão dividindo os terrenos e ocupando com os filhos e o netos, e ai vai acabando com aquele lado do romantismo do quintal por exemplo, isso não ta existindo mais e outra é a transformação econômica a avenida ela vem sofrendo com a especulação imobiliária né?! e você cada vez mais que as famílias vão vendendo os espaços, para virar uma nova Djalma

Batista por exemplo, que vai ser futuramente já está sendo né e essa é transformação que a gente vem notando durante esse período ai, e também me recordo que na avenida tinha os carnavais né, várias paradas cívicas era esse movimento todo na avenida, depois que foi para o centro cultural Juracema Holanda e pararam mais de fazer, mas antigamente carnaval todo era feito ai quando não era na sete de setembro, na avenida e sete de setembro as duas.

**Entrevistadora:** E na adolescência o senhor estudou aqui em Itacoatiara, o senhor tem alguma lembrança da sua adolescência aqui de Itacoatiara?

**Colaborador:** A primeira vez que vim aqui em Itacoatiara foi com 16 anos, um adolescente ainda, foi a primeira vez que eu vim aqui vim querendo conhecer mesmo eu tinha um negócio assim com Itacoatiara, e eu gostava muito de viajar para o interior de barco assim, ai eu me juntei com mais dois colegas ai viemos para cá, ai fiquei até aqui no coleginho, que na época era de freiras porque minha irmã estudava no Dorotéi, ai eu conversei com umas freiras para elas colocarem a gente lá, porque não tinha hotel não tinha nada, ai elas colocaram a gente dentro de um teatro que tinha ali na esquina, tinha um palco de madeira, antigamente inclusive o teatro aqui era movimentado pela igreja, depois não se ouviu mais falar teatro mas naquela época tinha e o Arco também naquela época tinha um na avenida, naquela época quando eu vim pra cá até 77 ainda tinha o arco e nessa época então as ruas eram menos asfaltadas a maioria das ruas, por exemplo o bairro de Santo Antônio ele tinha outro nome... eu não me lembro agora... Que tinha até um senhor que morava lá um alto moreno, bem negro assim, que ele fazia alguidar de madeira, porque as casas elas tinha aqueles alguidar de madeira, peças e tabua, olha só, para dá para porco comer, galinha que eles alimentavam ou então para padaria que usavam para fazer o pão, e eu achava interessante porque em 70 já estava mais adulto, já voltei da outra vez que vim 77, então eu coletava e comprava esses alguidas por que eu já era artista então pegava desenhava e esculpia em cima deles e vendia em Manaus, ai foi que salvou muitos deles, por exemplo ainda tem um lá na casa de um amigo meu alias dois amigos lá que guardam até hoje esses alguidar, eu salvei praticamente, porque eles ficavam lá no fundo do quintal então não iria ter nada não ia sobrar nada e praticamente está lá Manaus servido de decoração.

**Entrevistadora:** Sim, verdade. Continuando a entrevista, Sr. Thyrso como foi perceber tantas mudanças culturais, sociais, e históricas na avenida? E qual a importância disso para o senhor.

**Colaborador:** É como eu acabei de falar para você, o lado econômico o lado social, por exemplo lá existia muita corrida de bicicleta lá antigamente né a maioria eram feitas na avenida e povo ia participar prestigiar, hoje não tem corrida de bicicleta não sei porque não sei se é por falta de organização, ou então é por que naquela época era difícil acontecer um evento tem que analisar tudo isso e quando acontecia o povo todo estava lá, mas se valorizava ao meu ver se valorizava mais o esporte o atletismo, tanto é que você via que na escola tinha mais atletas mesmo não somente o futebol, não era só jogo de quadra, mas tinha gente que disputava lançamento de dardos, corridas essas coisas todas através das escolas e hoje você não ver muito esse movimento para o lado do atletismo por isso que a gente não tem quase representação do Amazonas nas olimpíadas, o Amazonas era pra dá pelo menos dois, três atletas, eu acho na minha opinião...

**Entrevistadora:** Agora lhe pergunto como foi perceber tantas mudanças culturais, sociais, e históricas na avenida? E qual a importância disso para o senhor.

**Colaborador:** A avenida o exemplo que a gente pode ter também é a importância ambiental que são esse otizeiros, que para a cidade ela terminou que virou um símbolo, que nessas ruas aonde você vai não tem uma que não tenha um pé de bejaminzeiro, qualquer ruas dessas se não tiver um pé eu aposto aqui... (ambos riem)

**Entrevistadora:** Principalmente as mais antigas né...

**Colaborador:** Isso ai foi exemplo que o Isaac Peres deu né, que Chibli fez pra cá para a colônia que eu falo no meu documentário, fez também na quinze de novembro e as pessoas também foram tomando gosto em plantar os otizeiros apesar de não ser uma arvore nossa é do planalto né, regional do planalto ela não é da aqui da região amazônica e o que a gente também gostaria de ver por exemplo temos o nosso centro cultural ali mas não temos arvores que representem a nossa região, tem aquelas palmeiras que sabe Deus da onde, sabe Deus se vem da Arábia, se vem não sei de onde aquilo lá mas da aqui é que não é, então falta mais isso aqui, e otizeiro apesar de não ser da aqui mas ele já deixou por outro lado essa visão de que a cidade tem que ser arborizada, que deve haver paisagismo nas ruas né essas coisas todas, fora o lazer que traz né, as pessoas que vão lá para andar para se vê para se distraírem para fazer exercícios e outras os pássaros que tem lá sua moradia também, a biodiversidade que você vai lá e encontra, as orquídeas, a uma variedade de musgos e outras coisas que você encontra lá, quem percebe que é da área de biologia para estudo a avenida é um prato cheio.

**Entrevistadora:** A próxima pergunta é qual é a sua profissão?

**Colaborador:** Ta ai uma pergunta muito difícil de eu responder... (Ambos riem) Por que toda vez eu me enrolo com isso, me perguntam "o que você é?" ai eu digo: agora sim, agora me pegou pelos pés, cabeças e membros... É porque durante a minha existência comecei, por exemplo, com aula de teatro depois com aula de artes plásticas, eu parei com teatro que se imagina se hoje é difícil imagine na minha época de 70, a gente não tinha apoio nenhum existia um grupo, mas a gente não tinha apoio, ai eu pensei que artes plásticas seriam mais fácil de eu me expressar porque eu pegava uma tinta ou desenho ou uma madeira e transformava em uma escultura era muito mais fácil e também fica muito mais independente porque o teatro a gente precisava muito de apoio e patrocínio então isso era uma coisa que atrapalhava muito que não tinha na época né e até mesmo escola de artes era difícil hoje tem Claudio Santoro criado para música, dança criado para tudo, mas antigamente não tinha o que ainda tinha era uma escola de pintura, só uma imagine para toda a cidade, depois não foi abrindo então... está vendo como eu tenho dificuldade para falar isso... Eu também fui criado em um ambiente que respirava arte porque na minha casa era cinema, meu pai era ligado ao grupo de estudos cinematográfico, o Marcio Souza que acabou de falecer ele frequentava lá em casa, ele pertencia a esse grupo, Joaquim Marinho que também já faleceu que era jornalista empresário na área de cinema esses projetores que tem aqui, no galpão do Dib, todos eles eram do Marinho pois ele era dono de todos esses cinemas de rua que existiu em Manaus não sei se você lembra, tinha o Chaplim e

tinha um monte ai ele foi vendo que foi decaindo o cinema passando para o shopping, não mais o de rua, inclusive o único cinema de rua no Amazonas é esse da aqui, então sempre sofri essa influência de cinema sempre querendo fazer mas porém é muito difícil, ter uma máquina comprar uma ai comecei aqui com entrevistas com um gravador pequeno depois passei para uma máquina, porque eu vendi um terreno para comprar um máquina...

**Entrevistadora:** Meu Deus... (Ambos riem)

**Colaborador:** É assim eu sempre as vezes pegando peia da mulher né a Eliana porque ela diz assim pra que você vai investir nisso qual o retorno, ela sempre pergunta né... Além de pensar também em um pouco de dinheiro claro porque sem dinheiro a gente não sobrevive, é também o retorno da satisfação em fazer porque o artista é assim ele faz uma obra ele tem aquele prazer de fazer aquele trabalho e outra coisa que vá servir para alguma coisa, foi ai que eu comecei tive a ideia de valorizar a história de algumas pessoas, comecei no fecani contando a história de alguns artistas da cidade e continuei produzindo documentários e isso foi bom porque eu plantei uma semente hoje para todo o lado eles falam de Homenagem, vamos homenagear... isso pegou, isso é legal porque hoje temos o Natinho que faz na rádio, temos o Floriano também já faz agora isso é uma semente que a gente vai deixando, nas comunidades também por onde eu ando como ali no lago de Serpa nós fizemos um trabalho que até hoje deu na certificação quilombola deles lá, foi por causa do trabalho de campo que fizemos lá de filmagem, de documentário e mandamos para Brasília todo esse trabalho a uma contra partida que eu me preocupo muito do que eu faço o que aquilo vai servir para comunidade o que aquilo ser útil para as pessoas, e não só fazer por fazer ou se autoafirmar mas sim deixar algo coisa, agora estou escrevendo um livro que é um relato que estou até com dificuldade de terminar, só tenho 140 páginas ainda, aqui não me sobra tempo quase, ai Chico fica me cobrando né “aah faz ai” ai eu digo: Pra você que já está aposentado ganha 20 ou 30 mil sei lá quanto por mês, e outra coisa fica até de madrugada escrevendo e de dia dorme eu não tenho que trabalhar” (risos de ambos)...então eu fico fazendo de tudo um pouco né, mas não porque eu quero me autoafirmar dizer aah eu sou escritor, sou poeta é porque foram surgindo espontaneamente no tempo de colégio, tudo isso na escola a educação é base de tudo pais nenhum cresce sem educação, muitos países estão onde estão por causa da educação que é a base, tem um auto investimento, aqui no Brasil veja só estão dando uma quantia mensal para o cara terminar o primeiro grau, quer dizer olha o atraso onde a gente ta né!?

**Entrevistadora:** E a sua família? A sua família é grande o senhor lembra do período que passou com ela morando na avenida, o senhor tem alguma memória desse período?

**Colaborador:** A memória da avenida foi que fiz meu ateliê lá né, construir porque tinha uma casa antiga lá, abandonada a no fundo do quintal que o pai da Eliana, meu sogro, tinha um sonho de fazer uma padaria lá antes de ir embora, por que minha sogra cozinheira de mão cheia fazia muitos doces salgados, mas infelizmente ele não conseguiu fazer a confeitaria ele morreu e não conseguiu, então eu peguei e montei la um ateliê ai eu fazia exposições de arte e isso foi legal na época pra mim então essa é a lembrança que eu tenho né, fora o desenho que eu fiz da casa e das arvores que tinham mais de 25 pés de fruteiras diferentes, e meu filho me

acompanhava né eu botava ele para vender fruta, uma vez tinha muito Abil ai eu disse vai vender Abil aqui na frente, ai ele disse isso não presta porque vai grudar na boca dos outros...(risos)...ai disse não, botei ele uma cadeira com um bonezinho que tinham trazido de Portugal ele ficou igual um portuguesinho com aquele bonezinho sentado na cadeira para vender Abil e ficou lá, eu ficava por cima do muro só olhando o jeito dele, ai um cara comprou e ele ficou se embalando com o dinheiro na mão assim...ai eu disse vem cá primeira lição fique mostrando dinheiro... (risos)... ai um dia viajei para Manaus ai a Eliana botou uma bacia, essas bacias de alumínio para ele vender quando ela foi dá uma volta que ela viu tinha mais nenhum Abil, ele disse: Ah eu vendi tudo, está só para a senhora receber lá Ilário e levou com bacia e tudo”... ai a Eliana foi lá o Ilário disse não, não mandei comprar nada, pois o malandro passou pegou a bacia com os Abil e levou sabe e mandou receber lá no Hilario (risos) ai a Eliana foi se informando e o cara já estava lá na feira vendendo e mandou prender o cara (risos de ambos) eu digo agora se eu tivesse aqui não iria prestar, Graças a Deus que eu não estava, mas ai era Abil, era pitomba era abacate, porque tinha de mais as vezes iam aquelas buchudas lá, gestantes desejando fruta, batia lá a noite e dizia o senhor ainda tem pitomba ai, para comprar pitomba por que estava desejando, então eu criei ele assim que isso não é vergonhoso, ai tinham até colegas de trabalho da Eliana, professoras diziam isso vocês não tem vergonha de botar teu filho para vender fruta, vergonha não, ele tem é que aprender desde pequeno que isso ai não é um ato vergonhoso de vender ou trabalhar, só que na hora de dividir ele não queria ele queria a maior parte (risos) ai que dizia não senhor, aqui tem um detalhe principal proprietária é a tua mãe tem que dar X para ela, eu que tirei a fruta x pra mim e tu que vendeu, e assim a gente vai aprendendo né a trabalhar equipe, então tudo a agente observa nesse sentido de servir... e assim ele foi criado e jogando bolinha no quintal, na avenida ele gostava mas sempre estudando valorizando muito esse lado né.

**Entrevistadora:** E como é perceber a relevância sociocultural de um lugar que é muito importante para a cidade?

**Colaborador:** Olha né quando nós chegamos aqui, por exemplo, acho que a tua mãe ou teus avós principalmente alcançou esse tempo de uma coisa que é essencial aqui energia, a gente não tinha energia então como é crescer uma cidade sem energia, eu não sabia que era isso eu vim saber o que era isso eu vim saber quando inauguraram o cinema aqui, agora, quer dizer não tanto agora há uns 15anos atrás e ai aquelas maquinas que tem muitas luzes precisam de gerador por que a força da energia que tinha aqui não era o suficiente para as maquinas, e eles pegaram e tiveram que botar um transformador na esquina para poder gerar as maquinas, então olha só eu pensei que era só geladeira ligada, ar condicionado e tava tudo bem, por isso que as maquinas nunca vieram para cá, quando eu vim passei um período aqui a muito tempo a traz a metade da cidade ficava escura e metade da cidade ficava clara, ai veio a Hermasa e ela contribuiu ela tinha um gerador então ela cedia parte da energia como uma contra partida deles ai um investimento grande então eles dão sempre uma ajuda para aliviar os tributos deles lá, então eles cediam parte da energia, porque a energia é base de tudo não tem evolução sem energia, Itacoatiara da aqui a 20,30 anos por ai vai dá um salto muito grande, tenho até medo desse negócio que ai vai inflar, do jeito que está crescendo a marginalidade essas coisas vai

também evoluir a malandragem e vai evoluir o que não presta, na minha opinião, mas é assim a gente via a cidade um pouco estagnada por causa desse tipo de problema com a Energia, agora não você que está modificando os portos agora estão melhor, a necessidade de colocar portos e energia , e os comércios porque se não sem isso ai não existe, porque estrategicamente estamos em ponto bem melhor que Manaus os navios vem agora aqui param aqui para colocar uns contêiner em cima de uma balsa para levar para Manaus por que quando é seca o navio não passa, ai ele vem trazendo da Europa meia carga e isso não é interessante para eles o interessante é encher o navio, então aqui é um ponto estratégico por isso deveria ser capital, não é sendo bairrista como o Chico fala: “Itacoatiara em primeiro lugar” não existe isso, mas olhando por esse lado de logística, é foi um erro, primeiro fazendo a capital em Barcelos lá dentro do rio negro ai depois puxaram mais para beira aqui outro erro, só que ai entro o glamour da borracha muito dinheiro e com muito dinheiro o que começaram a fazer teatro amazonas e não deu mais para voltar né, ai a capital ficou lá mesmo né não deu mais para voltar, pensar agora vou fazer Itacoatiara porque é um ponto estratégico não dá mais, investiram tanto né que ai não deu mas você ver que até hoje o rio madeira é uma linha muito importante pro comercio pra tudo e evoluir cientificamente também por que ai vai se instalar faculdades.

**Entrevistadora:** Então você ver a avenida como esse símbolo de desenvolvimento?

**Colaborador:** Sim tudo isso aí né está ligado ao desenvolvimento econômico, ai vem o habitacional, cultural vão se amarrando as coisas, é isso ai.

**Entrevistadora:** Então é isso, Obrigada Sr. Thyrso por essa entrevista.

## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 16 de 06 de 2024

Destinatário,

Eu, Silvete Fernandes, portador do RG nº 325 1144-0, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 16/06/2024 para Kamilly Fernandes Basse Miquites usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Silvete Fernandes

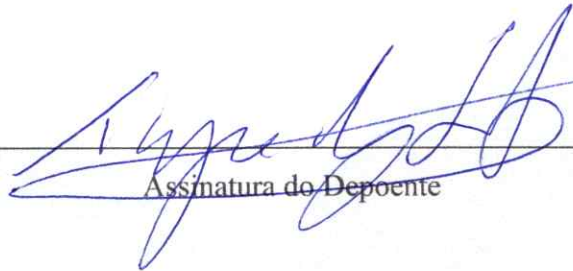
Assinatura do Depoente

## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 19 de 08 de 2024

Destinatário,

Eu, Alyso Muñoz Le Araújo, portador do RG nº 23610-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 19/08/2024 para Karilly Fernandes Biaz Miquites usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

  
Assinatura do Depoente

## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 09 de 07 de 2024

Destinatário,

Eu, Silvana Fernandes Biase, portador do RG nº 0458449-0, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 09/07/2024 para Kamilly Fernandes Biase Miquites usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Silvana Fernandes Biase

Assinatura do Depoente